

TERAPIA OCUPACIONAL COM CRIANÇAS E JOVENS EM PANDEMIA: ANÁLISE DE PROCESSOS DE TRABALHO E REFLEXÕES PARA UMA PRÁTICA EMANCIPATÓRIA

Occupational Therapy with children and young people during pandemic: analysis of work processes and reflections for an emancipatory practice

Terapia Ocupacional con niños y jóvenes en pandemia: análisis de procesos de trabajo y reflexiones para una práctica emancipativa

Pastore, M.D.N., Vieira, A. G., Antunes, J.R. & Rodrigues, C. (2022). Terapia Ocupacional com crianças e jovens em pandemia: análise de processos de trabalho e reflexões para uma prática emancipatória. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(2), 1053-1064. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto38771.

Marina Di Napoli Pastore ^{ID}

<https://orcid.org/0000-0002-5924-8719>
Instituto Superior de Ciências de Saúde
Maputo, Moçambique.

Aline Godoy Vieira ^{ID}

<https://orcid.org/0000-0002-7485-9489>
Universidade de São Paulo
Escola de Enfermagem
Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva.
São Paulo, SP, Brasil.

Juliana Russo Antunes ^{ID}

<https://orcid.org/0000-0002-9877-4818>
Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação
São Paulo, SP, Brasil.

Camila Rodrigues ^{ID}

<https://orcid.org/0000-0003-4917-9454>
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Resumo

Contextualização: A partir de práticas de terapeutas ocupacionais na cidade de São Paulo, durante a pandemia do coronavírus, este artigo apresenta dois processos de trabalhos de terapeutas ocupacionais com crianças e jovens. **Síntese dos elementos do estudo:** análise dos processos de trabalho das profissionais no âmbito do SUS. Ferramentas específicas fundadas em uma abordagem crítica foram identificadas e descritas: análise do cotidiano com desenvolvimento de recursos adaptativos; análise de elementos da reprodução social; mapeamento, análise, proposição e legitimação de atividades significativas; articulação de recursos materiais para engajamento nestas atividades. **Conclusão:** Enfatizaram-se as contradições do modo de produção capitalista e das estruturas sociais ao produzir reflexões sobre uma prática situada e contextualizada..

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. COVID-19. Infância. Juventude. Saúde Coletiva.

Abstract

Contextualization: Based on the practices of occupational therapists in the city of São Paulo, during the coronavirus pandemic, this article presented two work processes of occupational therapists with children and young people. **Synthesis of the study's elements:** analysis of the processes of professionals in the work within the scope of SUS. Specific tools based on a critical approach were identified and described: daily analysis and the development of adaptive resources; analysis of elements of social reproduction; mapping, analysis, proposition and legitimization of meaningful activities; articulation of material resources to engage in these activities. **Conclusion:** The contradictions of the mode of production and social structures were emphasized while producing reflections on a situated and contextualized practice.

Keywords: Occupational Therapy. COVID-19. Childhood youth. Collective Health

Resumen

Objetivo: A partir de las prácticas de los terapeutas ocupacionales en la ciudad de São Paulo, durante la pandemia del coronavirus, este artículo presentado dos procesos de trabajo de terapeutas ocupacionales con niños y jóvenes. **Síntesis de los elementos del estudio:** análisis de los procesos de trabajo de los profesionales, en el ámbito del SUS. Se identificaron y describieron herramientas específicas basadas en un enfoque crítico: análisis diario con el desarrollo de recursos adaptativos; análisis de elementos de reproducción social; mapeo, análisis, propuesta y legitimación de actividades significativas; articulación de recursos materiales para participación en estas actividades. **Conclusión** Las contradicciones del modo de producción y las estructuras sociales se enfatizaron al producir reflexiones sobre una práctica situada y contextualizada.

Palabras clave: Niñez. Colaboración intersectorial. Terapia ocupacional. Participación comunitaria.

1.Introdução

O objetivo deste artigo é analisar e discutir a atuação em Terapia Ocupacional e a prática territorial no Sistema Único de Saúde (SUS), em uma relação entre o momento atual, que é atravessado por uma pandemia de COVID-19 (doença causada por infecção do coronavírus) e as estruturas sociais, econômicas e político-institucionais existentes na atualidade (Lopes, Malfitano, Silva & Borba, 2014), entendendo que trabalhar em saúde, nessa realidade, é se afetar. Assim, perguntamos: estando em isolamento, como trabalhar com o território e com os afetos?

Em 2018, o Brasil era um país com 68,8 milhões de crianças e adolescentes (dos 0 aos 18 anos), 81,7% delas vivendo nas áreas urbanas, concentradas na região sudeste. Nesse mesmo ano, em São Paulo, o número de crianças correspondia a 3.178.893, dos quais 2.336.636 estavam na faixa etária dos 0 aos 14 anos. Ainda no referido período, as matrículas no ensino fundamental da rede pública, correspondiam a 1.383.779 de crianças. Isso significa que mais 1 milhão das crianças que estavam na rede pública de ensino estão sem aulas e em isolamento; acrescenta-se a este número, todas as crianças fora da idade escolar vivendo o referido cenário (IBGE, 2018).

Esses dados permitem apreciar a dimensão social do impacto das medidas de quarentena, em especial a gravidade das consequências para as crianças e jovens de diversos contextos socioeconômicos. O número de crianças estudantes da rede pública de ensino, em sua grande maioria, é das camadas pobres da população e com restrições e dificuldades de acessos dos mais diversos níveis, dentre eles a precarização da moradia, dificuldade ou inexistência de acesso à internet, maior índice de abandono escolar e de violência, entre outros. Sem aulas presenciais, são eles que se encontram, em muitos casos, sem espaços institucionais de acolhimento, sem atividades formalizadas ou lugar legitimado socialmente na configuração atual da cidade de São Paulo.

É neste sentido que, dialogando com terapeutas ocupacionais que têm trabalhado com a questão da juventude, estruturas sociais e escolarização, compreendendo a escola também como lugar de referência, passamos a questionar: como a vida das crianças está estruturada?

A atenção em saúde coletiva preconiza a atuação para aprimoramento dos perfis epidemiológicos da população que são resultado da conjunção entre os perfis de reprodução social (compostos pelo momento da produção/formas de trabalhar e pelo momento/formas de viver) e os de saúde-doença (expressões biopsíquicas nos corpos individuais que compõem o embate entre os fatores de desgaste e de fortalecimento da vida). Os perfis epidemiológicos são mediados por heranças genéticas, elementos simbólicos da cultura, processos psíquicos e subjetividades; que conferem os elementos de singularidade na manifestação individual dos processos de saúde (Queiroz, Salum, 1996).

Uma prática em terapia ocupacional alinhada aos pressupostos da Saúde Coletiva Latinoamericana, é considerada trabalho em saúde, que assume um arranjo de técnicas e conhecimentos na transformação de parte do objeto ampliado de trabalho do campo da saúde, quer sejam os perfis epidemiológicos determinados pelas necessidades sociais em saúde dos diferentes grupos sociais (Mendes Gonçalves, 2017; Breilh, 2006). Assim, propõe-se neste artigo, a análise dos arranjos técnicos com que duas terapeutas ocupacionais trabalharam na atenção à infância e juventude na cidade de São Paulo, na busca de compor o trabalho coletivo do SUS, orientado à produção de processos emancipatórios, no contexto de uma pandemia.

2. Método

Este artigo é resultado de uma composição solidária e praxica entre trabalhadoras da rede SUS e trabalhadoras da universidade com a finalidade de organizar, nomear e compartilhar elementos inovadores do trabalho em Terapia Ocupacional, desenvolvidos na materialidade da prática territorial.

Apresenta-se análise de dois processos de trabalho em Terapia Ocupacional a partir da experiência de duas das autoras em territórios distintos da cidade de São Paulo: um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij) da região sul; e um Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB) da região norte.

O processo de escrita foi realizado por meio de entrevistas dialógicas (uma por telefone, uma por e-mail) (Farias, Rudman, 2019) entre as trabalhadoras da universidade e as trabalhadoras do SUS durante o período do primeiro bimestre de 2020. A partir do registro da narrativa sobre suas práticas, a análise do processo de trabalho identificou ferramentas específicas da Terapia Ocupacional acionadas pelas trabalhadoras, para responder às suas compreensões do objeto de trabalho e a finalidade emancipatória recortados pelo olhar crítico que as orienta. Elementos operacionais da terapia ocupacional social (Lopes, Malfitano, Silva & Borba, 2014), bem como a teoria do processo de trabalho em saúde fundado na Saúde Coletiva Latinoamericana foram utilizados na realização da análise.

As tecnologias em saúde se orientam de acordo com os elementos do processo de trabalho, sendo as práticas em saúde configuradas pela divisão do trabalho capitalista. Arranjos específicos das técnicas configuram a contribuição de cada profissão no processo de produção dos serviços de saúde (Schraiber, Mota, Novaes, 2009). O trabalho definido a partir da perspectiva marxista é apresentado por Mendes Gonçalves (2017), para fundamentar a teoria do trabalho em saúde.

Ao serem consideradas trabalho, as práticas em saúde podem ser analisadas em termos de sua finalidade - aquilo que orienta a direção em que se executa o trabalho - e de suas ferramentas - tudo aquilo que o trabalhador ou a trabalhadora coloca entre si e o objeto de trabalho para transformá-lo. Para alcançar a finalidade, trabalhadores elegem objetos de trabalho, que serão no referencial adotado, as necessidades sociais das populações acompanhadas (Queiroz, Salum, 1996; Breilh, 2006). Lopes, Malfitano, Silva &

Borba (2014) sistematizaram ferramentas da terapia ocupacional em termos de recursos e tecnologias de intervenção a partir da análise das práticas específicas da profissão no campo social, que neste trabalho informam a análise de práticas críticas também no campo da saúde.

3. Resultado

Experiência da Terapia Ocupacional em um CAPSij na Zona Sul: repensando práticas e saúde mental

Em um CAPSij da zona sul da cidade de São Paulo, a terapeuta ocupacional iniciou a nova organização do processo de trabalho telefonando para cada um dos usuários que eram de sua referência no serviço, assumindo inicialmente o telefone como único meio de alcançá-los para orientar sobre o formato extraordinário de funcionamento do serviço: atendimentos em grupo estavam suspensos e atendimentos presenciais deveriam priorizar situações de crise, com manutenção das portas abertas e disponibilidade para suporte em saúde mental infantojuvenil para a rede de maneira geral.

Os contatos remotos foram eleitos como ferramentas de sustentação e manutenção de vínculo. Além do telefone, um notebook (que era usado com pouca frequência), passou a ser utilizado para realizar videochamadas, possibilitando a análise de atividades cotidianas e sua reorientação no novo contexto.

As queixas das famílias de crianças entre 3 e 6 anos, em sua maioria convivendo com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), eram de sobrecarga, dificuldade de lidar com a criança em tempo integral e demanda por ideias de brincadeiras e atividades. A terapeuta ocupacional compreendeu, a partir dessa queixa, que o brincar foi incorporado à rotina da casa, o que levou a crer que antes e em alguns casos, isso acontecia majoritariamente nas instituições da rede de saúde e educação. Orientações gerais foram feitas aos cuidadores por telefone e e-mail, já que as crianças não sustentaram contato por telefone ou videochamadas e por limitações de uso de tecnologia.

Foram feitas orientações de organização de rotina, atividades em casa, bem como escuta qualificada aos cuidadores que estavam tomados por angústia, ansiedade e medo.

Com as crianças entre 6 e 11 anos, o contato por telefone mostrou-se mais eficaz, com sustentação de diálogo curto e participação em videochamadas. As intervenções focaram nas narrativas sobre o cotidiano, permeadas pela análise conjunta sobre sentimentos, emoções e o sentido das atividades no momento atual, bem como levantamento, desenvolvimento e treino de ferramentas para lidar com esses sentimentos. Como por exemplo, utilizar técnica de exercício de respiração auxiliando uma criança que relatava não conseguir controlar a raiva em alguns momentos.

As principais dificuldades relatadas relacionaram-se à adaptação à escola online. Alguns sem acesso, outros sem conseguir acompanhar a quantidade de conteúdo e tarefas. O foco da intervenção nesses casos foi de acolhimento e avaliação conjunta sobre as possibilidades reais de realização das atividades

escolares, ponderando o respeito às potencialidades e limites da modalidade de aulas à distância. Para crianças com desenvolvimento atípico, durante o processo de aprendizado e/ou escolarização, as desigualdades ficaram evidentes, havendo mais prejuízo para os que não tem acesso a recursos como celular, internet, computador. Poucas crianças receberam materiais adaptados; como a escola não conseguiu propor conteúdo e ritmo que os contemplasse, muitos acabaram desistindo.

As análises de atividades realizadas nesse contexto permitiram planejamento do uso de situações do cotidiano no aprendizado. Por exemplo, no caso de um menino de 11 anos com dificuldade importante com o português, a irmã o acompanhou na construção de uma história em quadrinhos, reconhecendo sua grande afinidade com desenhos, e assim introduzindo a escrita. Em outro momento a mãe do mesmo garoto o ensinou divisão com grãos. Perante à insegurança da mãe que se questionava se “isso era o certo?”, a terapeuta ocupacional, apoiada em Paulo Freire, realizou a análise conjunta das atividades da família, conduzindo um processo de tomada de consciência da mãe sobre a própria capacidade analítica e criativa na resposta às necessidades do filho.

Já com relação aos jovens, estes apresentaram a necessidade de falar e os atendimentos por telefone ou videochamadas foram realizados de maneira mais sistemática. Eles falavam sobre a angústia de não sair de casa e o desgaste relacionado às tarefas escolares, que sentem agora serem mais onerosas que antes, ao mesmo tempo que se queixam por não ter o que fazer. A partir da identificação do interesse de um jovem pela leitura, uma visita domiciliar respeitando todos os parâmetros de segurança foi realizada para entregar-lhes livros, reconhecendo sua dificuldade de acesso a tais materiais.

Por meio da investigação de interesses com outra jovem, angústias relacionadas à sua condição de gênero foram identificadas e, a partir de seu próprio repertório cultural, a terapeuta ocupacional apresentou uma poetiza (Ryane Leão) que tem uma página de Instagram, reconhecendo possíveis pontos de identificação, estimulando um diálogo entre a condição da jovem e uma produção cultural, que passou a compor seu cotidiano pelo interesse por produções da mesma autora.

Os atendimentos presenciais que se fazem necessários seguem sendo feitos apenas individualmente. A articulação de rede tem acontecido por reuniões online, telefonemas, trocas de mensagens por WhatsApp e e-mails.

Experiência da Terapia Ocupacional em um NASF-AB na Zona Norte: práticas territoriais e redescobertas de sentidos

Em um NASF-AB na zona Norte da cidade de São Paulo, a gestão local demandou da equipe que participasse do processo de monitoramento das pessoas com sintomas de síndrome gripal e de COVID-19 por telefone, com base no protocolo do Ministério da Saúde. Nesse monitoramento, por meio do diálogo como ferramenta de trabalho, a terapeuta ocupacional esteve atenta a não manter o foco apenas nos sintomas e anamnese protocolar, analisando necessidades ampliadas. Para isso, perguntou sobre o

cotidiano e seus elementos de reprodução social. Junto com sua equipe, decidiu realizar também teleatendimento das famílias cuidadas pela equipe antes da pandemia.

Com crianças de 3 a 6 anos e seus familiares, a terapeuta ocupacional, em parceria com a fonoaudióloga e a psicóloga, realizou três encontros do grupo de crianças, de maneira virtual, como parte do monitoramento da primeira infância e dos marcadores sociais. Sugeriram a criação de um grupo de WhatsApp com as famílias em que a moderadora, uma das mães, tem um contato com a equipe e pode acioná-la em caso de necessidade de apoio. Assim, puderam ver as crianças, e identificar elementos importantes de desgaste do momento pandêmico: a sobrecarga das mães e a necessidade de apoiá-las no cuidado e proteção de seus filhos. Como elemento de fortalecimento, identificaram que famílias com mais de um filho ou que moravam próximas de outros familiares, não se sentiam tão isoladas, dado que as crianças brincavam entre si. Além disso, reconheceram que algumas crianças pareceram desenvolver algumas habilidades, ao começarem a falar mais com a intensificação da convivência com a família. Esses atendimentos estiveram mais relacionados ao apoio em lidar com a ausência da escola, a partir da sensação das mães de que “não sabem dar aulas” (sic). O trabalho da terapeuta ocupacional nesses casos esteve apoiado na análise dos elementos do cotidiano que estão relacionados ao processo pedagógico das crianças, identificando que poderiam, por exemplo, cozinhar juntos, elencando pontos dessas atividades que desenvolvem com as crianças uma aprendizagem importante.

Antes da pandemia, as demandas estavam relacionadas aos chamados atrasos: na fala, no desfralde, nos contatos e interações. Com as crianças em casa e a presença do familiar como referência, muitas famílias relataram uma surpresa no desenvolvimento da criança, que passou a falar, ou a que tirou a fralda, ou mesmo as que começaram a se comunicar de diferentes modos.

Já com o grupo de crianças maiores, de 6 a 10 anos e seus familiares, foram realizados telefonemas para conversar sobre suas necessidades e organizações de cotidiano. A própria terapeuta ocupacional mostrou-se surpresa ao identificar interações diferentes das crianças consigo. Crianças que em grupo não falavam ou pouco interagiam, mostraram-se desvoltas e comunicativas. Ponderou se o grupo poderia ser uma ferramenta limitadora da comunicação, reavaliando algumas escolhas técnicas.

Foram identificados elementos estruturantes da relação da Unidade Básica de Saúde (UBS) com as crianças deste território que passam pela escola e as queixas trazidas e reforçadas pelo serviço, nomeadas como maus comportamentos, fracasso escolar, pouca interação e timidez.

Assim, embora com as dificuldades e os desafios perante o COVID-19, a terapeuta ocupacional ponderou que as crianças têm apresentado mudanças significativas e propôs perguntas de análise: seria a escola, em alguns casos, um lugar da dificuldade e da exclusão para essas crianças? Poderíamos dizer que, com a suspensão temporária da escola que, por vezes, desvaloriza e cobra os pais, eles têm se permitido com mais tranquilidade o lugar do cuidado? Tendo o acesso à UBS limitado por conta da pandemia, as famílias estariam se “responsabilizando” mais em cuidar das necessidades das crianças?

De maneira geral, a terapeuta ocupacional identificou relatos de crianças mais agitadas, comendo mais, irritadas, chorosas; a falta do encontro com outras crianças produziu um grande desgaste e um desafio: como ofertar um cuidado à distância e manter os vínculos?

Há ainda famílias com quem se perdeu o contato, nomeadamente aquelas com piores condições de trabalho e vida. Quando as famílias trocam os números de celular, muito comum na região, há perda de contato e de vínculo. Para aquelas em atendimento, há os atravessamentos: uso de um único celular pela família toda, interrupção e atravessamentos durante as chamadas, situações de violência, diferenças nas estruturas das casas e padrões sociais como, por exemplo, casas que tem wifi e espaço para as crianças, e casas que só possuem um único cômodo.

4. Análise e Discussão

A contribuição da Terapia Ocupacional no desenvolvimento de novas respostas em saúde: análise do processo de trabalho

A intervenção da Terapia Ocupacional nos contextos apresentados assume características técnicas que se inserem no campo da Saúde Coletiva Latinoamericana ao tomar como objeto do trabalho elementos da determinação social do processo saúde, que compõem os perfis epidemiológicos das pessoas e grupos acompanhados. No recorte específico, assume como eixo condutor da contribuição da terapia ocupacional para o trabalho coletivo o cotidiano das crianças e suas famílias. Identificam-se sublinhadas no texto, as ferramentas de trabalho em Terapia Ocupacional analisadas.

A análise do cotidiano feita por terapeutas ocupacionais identifica necessidades sociais e em saúde, tomando-as como elementos orientadores da prática. Necessidades humanas são tudo aquilo que humanos precisam que seja satisfeito para que sigam reproduzindo a vida (Mendes Gonçalves, 2017; Breilh, 2006). Necessidades em saúde são geradas no contexto das relações humanas que produzem a sociedade, e são diferentes para os diferentes grupos sociais de acordo com o lugar que ocupam na cadeia produtiva (Campos, Soares, 2013; Lopes, Malfitano, Silva & Borba, 2014). As crianças e famílias atendidas pelo CAPSij e pelo NASF manifestaram necessidades semelhantes, e é possível reconhecer que isso se deve ao fato de serem pertencentes a grupos sociais semelhantes - vivem em bairros da periferia de São Paulo, acessam o serviço público de saúde e de educação, têm algum acesso a tecnologia de comunicação (celulares e internet). Assim, as respostas em saúde que as terapeutas ocupacionais desenvolveram foram semelhantes, dado que partiram da análise da reprodução social desse grupo social.

A análise de atividades em Terapia Ocupacional permite apreender elementos da reprodução social em sua materialidade cotidiana (Godoy-Vieira, Soares, Cordeiro, Campos, 2018). Essa ferramenta permite superar o seguimento de protocolos de respostas em saúde baseados tão-somente no planejamento e distribuição de recursos dos serviços⁸. Ou seja, as ofertas disponíveis pela organização dos serviços

configuram uma régua de análise que recorta de maneira restrita o que se consideram ser as necessidades dos grupos atendidos - procedimentos, consultas, exames. Ao eleger o diálogo em lugar da anamnese protocolar de sintomas, a terapeuta ocupacional do NASF ampliou sua investigação para identificar necessidades ampliadas em saúde (Campos, Soares, 2013). Ao analisar elementos cotidianos da reprodução social em lugar de sintomas apenas, alcançou informações que permitiram avaliar as formas como as famílias estão lidando com a educação escolar feita em casa, e então identificou lacunas na relação escola-família. Essa análise abriu campo de intervenção com a família, por meio de acompanhamento singular e territorial (Lopes, Malfitano, Silva & Borba, 2014), além de fornecer indicadores importantes de análise da presença das instituições no território.

Levar livros ao jovem em isolamento como intervenção técnica da terapeuta ocupacional do CAPSij teve finalidade de criar sustentação material para o enfrentamento do isolamento, bem como de sustentação de um vínculo com a rede de cuidados, na assunção de responsabilidade territorial na assistência (Barros, Ghirardi, Lopes, 1999). A sustentação do vínculo com a rede é um desafio da prática com a juventude, e desfazer obstáculos estabelecendo condições para as integrações singulares é tarefa importante na relação entre terapeuta e pessoa atendida (Castro, 2005). A materialidade dessas sustentações em Terapia Ocupacional pode ser identificada na prática que considera a dimensão sociopolítica, cultural e afetiva das pessoas, grupos e comunidades como parte de seu objeto de trabalho, na forma de uma tecnologia de intervenção de acompanhamentos singulares e territoriais (Bezerra, Santos, 2017). Isso permite o mapeamento de atividades significativas, bem como a análise de suas partes constitutivas para conseguinte organização e fornecimento de uma base material para o engajamento desses jovens em atividades de fortalecimento de si mesmos e das relações sociais importantes para seu desenvolvimento.

Atividades significativas em Terapia Ocupacional têm o potencial de inscrição do indivíduo na cultura (Castro, 2005), e de ampliação da percepção dos sujeitos como parte de algo maior que eles mesmos (Ikiugu, Polard, 2015). A proposição e legitimação de atividades significativas é uma ferramenta de fortalecimento das crianças e suas famílias. Reconhecer a potência da família que encontra no cotidiano elementos pedagógicos de apoio ao aprendizado, nomeando e legitimando a intervenção da irmã e da mãe ao ensinarem, fortalece vínculos e potenciais de produção de respostas criativas para desafios.

Ao partir do próprio repertório histórico-cultural para apresentar a jovem a um perfil de Instagram que discute a condição das mulheres de maneira poética, a terapeuta ocupacional do CAPSij acionou a possibilidade de uma identificação dessa jovem com a produção cultural coletiva (Castro, 2005). Ao sair de uma relação individualizante solitária com as próprias angústias, amplia-se uma ideia de identidade, localizada historicamente, na relação com grupos sociais e a possibilidade de renovação da narrativa sobre si mesma e sobre sua ação no mundo.

Por fim, assentadas sobre a ampla plasticidade do processo terapêutico ocupacional (Castro, 2005), as trabalhadoras desenvolveram articulação de recursos adaptativos do cotidiano como ferramentas de fortalecimento das famílias¹ e manutenção de vínculo entre famílias e instituição ao montar grupo de WhatsApp, fazer atendimentos em chamadas telefônicas periódicas ampliadas e videochamadas em grupo. A construção de projetos singulares para a reconfiguração do cotidiano (Castro, 2005) atravessado pelas marcas dessa pandemia torna-se operacional quando as terapeutas exercem a competência de identificar na produção tecnológica humana, permanentemente manifestada no cotidiano, ferramentas de trabalho a serviço da produção de vida na resposta a necessidades dos indivíduos e grupos atendidos.

Caminhos e perspectivas: reflexões para uma prática emancipatória

A partir das narrativas e das análises realizadas, identificaram-se nas respostas institucionais, contradições frente às práticas em saúde e educação com as crianças e suas famílias. Se havia um discurso “patologizante” da escola sobre a criança, que se demonstrava nos encaminhamentos para as unidades de saúde, sem a escola o foco das unidades pareceu voltar-se às famílias. Os serviços não recebem mais queixas sobre as crianças relacionadas a um fracasso escolar, e na relação com os pais, os relatos são de surpresa com as vivências e descoberta da capacidade deles de realizarem um cuidado mais presente. Com crianças cansadas das telas, abriu-se a possibilidade de desenvolver um trabalho de fortalecimento das famílias em seu cotidiano de cuidados.

Em relação às possibilidades de algumas famílias estarem mais próximas de suas crianças, as atividades escolares têm se mostrado como dificultadores e motivos de desgaste. As terapeutas ocupacionais compreendem que atividades escolares ainda regidas por relações autoritárias, ao se transferirem para o ambiente doméstico, desconsideram elementos estruturantes de seu potencial educativo. Tensões importantes são consequência da disputa que se faz entre a criança não querer fazer a conexão virtual para a aula e o adulto responsável que se sente cobrado pela educação dos filhos. Pais desgastados e crianças ansiosas, queixas de solidão por parte de todos os membros da família são as principais manifestações desse desgaste.

Com as crianças em casa, e o relato de pais sobre surpresas boas na convivência e na atenção às crianças, ganhos no desenvolvimento e no comportamento social, identificam-se contradições importantes em relação ao papel das instituições que se mostram apartadas das realidades sociais.

É possível observar uma dissociação entre causas, contextos e implicações na organização das respostas em saúde pública à população jovem (Malfitano, Adorno & Lopes, 2011). Por exemplo, a “patologização” da infância e da juventude coloca sobre os corpos individuais a responsabilidade por contradições do modo de produção capitalista. Uma leitura crítica sobre a realidade constatará, entretanto, que esse grupo populacional tem enorme potencial de denúncia dessas contradições. O desgaste manifestado pelas famílias e o conflito que emerge em suas relações com as instituições, em seus modos de estar

que destoam do esperado pela escola, são respostas sociais, e não uma falha de funcionamento (Soares, 2007). Assim, pode-se negar à escola e aos outros espaços institucionais em que as crianças estão inseridas, como o CAPS e a UBS, a responsabilidade sobre essas manifestações? Alguns grupos, como as famílias (enfaticamente as mães) ou os professores ficam responsabilizados pelo que “não deu certo” na atenção a crianças em situações de vulnerabilidades sociais, como as que têm sido atendidas pela Terapia Ocupacional nos serviços propostos (Leitão, 2020).

Propor e analisar atividades com as crianças e os jovens, nos atendimentos e vínculos possíveis, é permitir também que a imaginação possa preceder a realidade. Em lugares habitáveis conseguimos imaginar espaços de alegria e de tristeza, de abuso e emancipação. Dialeticamente, produzimos os espaços e os espaços nos produzem. Adentrar realidades e casas por meio de chamadas virtuais, com um olhar analítico das potências imaginativas e criadoras que essas famílias têm, é permitir a saúde enquanto produção de vida e de sentidos significativos a elas (Pastore, 2021).

O esforço em manter vínculo com as crianças e famílias, é entendido nas abordagens como essencial – isso pode acontecer, por exemplo, por meio das análises conjuntas e realização de atividades sustentadas em terapia ocupacional que envolvem a produção de uma linguagem comum entre membros da família e da família com a rede de suporte. Linguagem que oportuniza a comunicação e acolhimento de sentimentos, sensações, desafios, angústias.

Dar suporte aos adultos de referência, recusando depositar sobre eles o fracasso ou retrocesso dos processos, é também parte do trabalho da Terapia Ocupacional, que se dá ao compreendermos conjuntamente com as famílias que o brincar é uma atividade humana que compõe suas vivências e possibilidades de elaboração da realidade, também em tempos de pandemia e isolamento.

As práticas em terapia ocupacional apresentadas apontam para o potencial de tomada de consciência que existe por meio das intervenções em análises, proposições e suporte concreto às atividades cotidianas, no tecer de práticas que, habitando as contradições institucionais, permitam que as famílias sejam legitimadas na composição dos cuidados educativos e em saúde de seus membros; e fortalecidos como autores da sociedade que compõem movimentos de fato emancipatórios.

Temos uma grande oportunidade de repensar as práticas. Para produzirmos práticas emancipatórias será necessário trabalharmos ao lado (e não sobre) das comunidades, das instituições, nos aspectos da vida que envolvem a infância e a juventude em todos os seus níveis, valorizando e criando ações, teorias e pesquisas com e para as crianças e jovens.

5. Conclusão

Este artigo analisou o processo de trabalho de terapeutas ocupacionais na atenção à infância e à juventude no contexto da pandemia do coronavírus, no âmbito do SUS. Ferramentas específicas

fundadas em uma abordagem crítica foram identificadas e descritas: análise do cotidiano com desenvolvimento de recursos adaptativos; análise de elementos da reprodução social; mapeamento, análise, proposição e legitimação de atividades significativas; articulação de recursos materiais para engajamento nestas atividades.

Assim, foram realizadas análises do cotidiano familiar em isolamento, mapeando as relações familiares e as tarefas diárias da casa fontes de estímulo e aprendizagem; mediamos ações de fortalecimento das famílias ao legitimar suas invenções cotidianas, valorizando seus modos de fazer o cuidado das crianças; algumas visitas pontuais com todos os cuidados de proteção a jovens, para levar materiais e permitir acesso a recursos que antes eram acessados apenas na escola ou nos serviços de saúde; e apresentação de conteúdos e formas de usar a internet para os jovens, que permitiu identificação de raça/ classe/ gênero na composição de narrativas sobre a própria vida e sobre sua participação social que sejam afirmativas e potentes.

O desafio de gerar novas respostas sociais e em saúde no contexto atual é uma oportunidade de analisar e transformar as contradições trazidas pelo capitalismo às relações sociais de produção, que se evidenciam em momentos de crise. Espera-se que as análises aqui realizadas possam apoiar a análise crítica e o desenvolvimento de práticas emancipatórias em terapia ocupacional na composição do trabalho coletivo em saúde na atenção à infância e à juventude.

Referências

- Barros DD; Ghirardi MIG; Lopes RE. (1999). Terapia ocupacional e sociedade. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 10 (2-3), 71-76. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103>
- Bezerra WC; Santos CF. (2017). Tecnologias de intervenção em Terapia Ocupacional Social: reflexões a partir de uma oficina de produção de fanzine no contexto prisional. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 1(3), 414-426. <http://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto10124>.
- Breilh J. (2006). *Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade*. 20 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz
- Campos CMS; Soares CB. (2013). Necessidades de saúde e o cuidado de enfermagem em Saúde Coletiva. In: Soares CB; Campos CMS (orgs). *Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de Enfermagem*. Barueri: Manole. p. 265-292
- Castro, ED. (2005). Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 16(1), 14-21. <http://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v16i1p14-21>.
- Farias L; Rudman DL. (2019). Challenges in enacting occupation-based social transformative practices: a critical dialogical study. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 86(3),243-252. <http://doi.org/10.4322/cto.2014.081>
- Godoy-Vieira A; Soares CB; Cordeiro L; Campos CMS. (2018). Inclusive and emancipatory approaches to occupational therapy practice in substance-use contexts. *Canadian Journal of Occupational Therapy*. 85(4), 307-317. <http://doi.org/10.1177/0008417418796868>

IBGE. (2018). *Estatísticas sociais*. Estimativa população brasileira por municípios. Brasil. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/22374-ibge-divulga-as-estimativas-de-populacao-dos-municipios-para-2018>

Ikiugu M; Pollard N. (2015). *Meaningful living through occupation*. London: Whiting and Birch.

Leitão K. (2020). "Quarentena dentro da quarentena: grupos subjugados e vulnerabilidade das infâncias na cidade". *II encontro do curso: Infâncias em tempos de pandemia*. Universidade Federal do ABC. <http://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/inovacao-social-no-combate-a-pandemia-de-covid-19/cursos/infanciasna-pandemia/>

Lopes RE; Malfitano APS; Silva CR; Borba PLO. (2014). Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 22(3), 591-602. <http://doi.org/10.4322/cto.2014.081>

Malfitano APS; Adorno RCF; Lopes RE (2011). Um relato de vida, um caminho institucional: juventude, medicalização e sofrimentos sociais. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 15 (38), 701-714. <http://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000042>

Mendes Gonçalves RB. (2017). Práticas de Saúde: processos de trabalho e necessidades. In: AYRES, J.R. & SANTOS, L. (orgs). *Saúde, Sociedade e História*. São Paulo: Hucitec.

Queiroz VM, Salum MJL. (1996). Reconstruindo a intervenção de enfermagem em saúde coletiva face à vigilância à saúde. *48º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva*, LINDOIA.

Schraiber LB, Mota A, Novaes HMD. (2009). *Tecnologias em Saúde*. In: Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro, Brazil: ENSP/FIOCRUZ. <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tecsau.html>

Soares CB. (2007). *Consumo contemporâneo de drogas e juventude: A construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva*. [Tese de livre docência, Universidade de São Paulo]. <http://doi.org/10.11606/T.7.2007.tde-26112007-161151>

Pastore MN. (2021). Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29 (e2797). <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2116>

Contribuição dos autores: As autoras contribuíram para a concepção, redação e revisão do texto.

Recebido em: 06/10/2020

Aceito em: 18/01/2021

Publicado em: 20/05/2022

Editor(a): Andrea Jurdi